

A terceira via

» ALMIR PAZZIANOTTO PINTO

Advogado. Foi Ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho

A cada momento, mais agargalam os caminhos para as eleições presidenciais. As distâncias entre Jair Bolsonaro, Lula, Ciro Gomes, João Doria e Simone Tebet estão se acentuando. Tudo indica que teremos a segunda rodada de votação e que, na reta final, prestes a ultrapassarem o disco de chegada, estarão Lula e Bolsonaro.

Isto significa que a desejada terceira via tem pouco tempo para ganhar terreno com chance de sucesso. O eleitorado conhece Ciro Gomes. Trata-se de político experimentado. Vibrante, eloquente, bom expositor, candidato pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), fundado por Leonel Brizola, ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, a quem a Presidência da República escapou em circunstâncias obscuras quando reunia possibilidades de ser vencedor. Por razões que não consigo decifrar, o paulista de Pindamonhangaba, que governou o Estado do Ceará, não consegue atrair a massa do eleitorado. Até o momento, mal consegue 9% das intenções de voto.

Sergio Moro desistiu de concorrer. Deve ter se lembrado da frase do Padre Antônio Vieira: “Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e perde o que tem”. Transferiu o domicílio eleitoral para São Paulo, com o objetivo de se candidatar a deputado federal. O ex-juiz da Lava-Jato e ex-ministro da Justiça de Jair Bolsonaro teve bom senso e se deu conta das dificuldades que cercam a vida política, para quem é jejuno em eleições. Na hipótese de se eleger à Câmara dos Deputados, com razoável número

votos, poderá aspirar a liderança da bancada e, na hipótese de ser bem-sucedido, talvez realize o sonho de alcançar a Presidência.

A posição de João Doria é delicada. Renunciou subitamente à candidatura e de imediato voltou atrás. As pesquisas lhe creditam menos de 5% das intenções de voto. Para alguém que se elegeu prefeito da capital e governador de São Paulo, com velocidade meteórica, o desempenho é decepcionante. A campanha pela vacina contra a covid não lhe rende dividendos eleitorais. Vítima da ambição, rachou o PSDB, debilitando a base de apoio.

O confronto Bolsonaro versus Lula, no segundo turno, é péssimo para o país. Lula é o passado conhecido. Bolsonaro, esperanças precipitadas e frustradas. De ambos, pouco se deve esperar. O Brasil aspira por novos valores e pela modernização dos quadros políticos. Aguarda por alguém capaz de galvanizar energias e gerar entusiasmo para a tarefa árdua de reconstrução de país em crise.

A carreira de Lula é conhecida. Inicia-se em 1970 como diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Presidiu a entidade com energia e coragem no período compreendido entre 1975 e 1980. Desafiou empresas automobilísticas. Deflagrou três grandes greves. Enfrentou o regime militar. Foi cassado e acusado de violar a Lei de Segurança Nacional. Disputou o governo de São Paulo e a Presidência da República. Participou da Constituinte. Exerceu dois mandatos e elegeu Dilma Rousseff. Foi preso na Operação Lava-Jato. Respondeu a

várias ações penais e, mais de uma vez, se viu condenado em três instâncias. O habeas corpus deferido pelo ministro Edson Fachin, quando se encontrava em liberdade e não era ameaçado de prisão, lhe abriu caminho para se beneficiar com a prescrição. Nesse terreno, nada está bem explicado, salvo a aversão do ministro Gilmar Mendes pelo ex-juiz Sergio Moro, da qual foi Lula o grande beneficiado.

Jair Bolsonaro, capitão do Exército, ao ser reformado e se ver livre dos princípios de disciplina e hierarquia, tratou de explorar os caminhos lodosos da política. Foi vereador no Rio de Janeiro e várias vezes deputado federal. Trocou repetidas vezes de partido e, na Presidência da República, tentou organizar uma legenda que pudesse dizer ser sua. É rude a ponto de ser grosseiro e mal-educado. Administrou a pandemia de forma inescrupulosa e oportunista. Ignorou as medidas determinadas pela ciência, combateu o isolamento social, a máscara e a vacina, para prescrever a cloroquina com a cumplicidade de reduzido círculo de bajuladores. Teve como braço direito o fracassado general Eduardo Pazuello, substituído pelo inexpressivo Marcelo Queiroga.

Com os demais candidatos exibindo baixa porcentagem de intenções de voto, a terceira via passa a depender de Simone Tebet, senadora pelo Mato Grosso do Sul, ex-vice-governadora, ex-prefeita de Três Lagoas, candidata do MDB. O partido não exibe a força do passado, mas Simone Tebet leva a vantagem de ser honesta, inatacável, combativa e mulher.



A guerra, o clima e a transição energética

» MALU NUNES

Diretora executiva da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza e membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza

A invasão da Ucrânia pelas tropas russas lançou a humanidade em um novo período de crise e incertezas. Além da tragédia humanitária, com todo o sofrimento que um conflito armado dessa magnitude é capaz de gerar, são inevitáveis as consequências econômicas, sociais e ambientais. Logo após o aguardado cessar-fogo, teremos muitas lições a aprender e obstáculos adicionais a superar para a possibilidade de um futuro melhor.

A guerra também tem provocado discussões na perspectiva das energias limpas e renováveis e das mudanças climáticas. A influência do abastecimento de petróleo e gás russos, especialmente na Europa, traz desdobramentos globais do ponto de vista econômico. O aumento no preço da gasolina, independentemente de o combustível ser de origem russa ou não, reflete no valor de todos os produtos transportados pelas rodovias.

Esse efeito cascata, provocado, principalmente, pela variação do preço dos combustíveis fósseis, tem sido visto frequentemente no Brasil, sem qualquer relação com a guerra. Entretanto, o momento que vivemos leva mais pessoas e tomadores de decisão de muitas nações a repensarem e buscarem alternativas energéticas renováveis e mais limpas, o que certamente traria impactos positivos para o planeta, diminuindo a emissão de gases de efeito estufa (GEE).

Fortemente dependente do petróleo e do gás russos, a União Europeia apresentou recentemente um plano para acelerar a transição energética,

com o compromisso de ampliar o uso de fontes renováveis. A medida é muito positiva e vai na direção correta, pois o setor energético é responsável por cerca de 35% das emissões de GEE no mundo. No entanto, os sinais dessa mudança ainda são contraditórios.

Para diminuir a dependência do gás da Rússia, os europeus terão de aumentar a queima de carvão, fonte que ainda representa mais de 16% da matriz energética do continente e causa maior impacto ambiental por liberar dióxido de carbono na atmosfera e produzir efluentes tóxicos no seu processo de queima. Se a situação é crítica na Europa, na Ásia, o cenário não é muito diferente. A China, maior emissora de gases do planeta, também precisa encontrar alternativas para suprir a demanda por mais energia para sustentar a expansão de 5,5% de sua economia prevista para este ano. Aumentar o uso do carvão é a principal alternativa por lá.

Todos esses movimentos tornam ainda mais importante a cooperação internacional em torno do clima. Na COP26, realizada na Escócia em novembro último, uma coalizão formada por mais de 70 países firmou compromisso de eliminar gradualmente o uso de energia à base de carvão, que, em níveis globais, representa cerca de 37% da produção de energia. Muita expectativa foi gerada para a COP27, que deve acontecer em novembro deste ano, no Egito, no sentido de aprofundar e ampliar os compromissos dos países mais desenvolvidos.

Mas a discussão não fica restrita aos países que mais emitem GEE. O Brasil, que gera 48% de sua energia por fontes renováveis, especialmente graças ao sistema de hidrelétricas, pode melhorar ainda mais seu desempenho. Pelas características de nosso território e nosso clima privilegiado, temos totais condições de aumentar o uso das fontes eólica e solar, muito mais limpas e sustentáveis. Atualmente, a energia produzida a partir da força dos ventos representa 10,9% da nossa geração, enquanto a solar responde por cerca de 2%.

Precisamos, simultaneamente, reduzir o consumo de fontes que causam maior impacto ambiental e acelerar o uso de energia limpa, com incentivo à inovação e mais participação de toda a sociedade. Em tese, no futuro, todos os telhados brasileiros poderiam ser uma pequena fonte de energia renovável, por exemplo.

Grandes decisões precisam ser tomadas agora em todo o planeta. Nossas escolhas poderão aprofundar a crise ambiental e climática, com seus graves impactos socioeconômicos, ou contribuir com a construção de um modelo econômico mais justo e inclusivo, que promova o equilíbrio entre as emissões e a remoção de gases que causam efeito estufa na atmosfera. Diante das eleições gerais que teremos no país neste ano, o momento é mais que oportuno para aprofundar esse debate. Que saibamos compreender a importância de nossas escolhas para um futuro sustentável.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Abstração niilista nº 3

Falta de fôlego político, ideológico e partidário. São essas as possíveis e mais críveis características que poderiam explicar o decepcionante desempenho, até agora, da terceira via. A priori, é preciso deixar claro que consenso, assim como seu correlato, o bom senso é atributo que o mundo político nacional não exercita, por desconhecer e, também, desprezar, o que lhe retira nacos de poder ou, mais precisamente, recursos e outros benefícios materiais assegurados. Não há, de fato, partidos políticos no Brasil, capazes de seguir linhas ideológicas e programáticas, independentemente do governo de plantão. São legendas formadas ao sabor das ocasiões, clubes interessados em causas próprias e no bem-estar de seus sócios, sobretudo das lideranças.

O que temos é uma pantomima política, distante do que sonham os eleitores atentos e do que exige a ética pública. Dessa forma, fica a explicação: não há terceira via, pois não há partidos fortes e independentes, capazes de entender o momento que se anuncia de grave polarização. É com essa visão que as mais de 30 legendas, coladas nas tetas dos cofres da União, enxergam os cidadãos, que, para elas, passadas as eleições, eles se transformam num estorvo.

Grosso modo, não há terceira via, porque, simplesmente, não há primeira nem segunda via que possa levar o país ao bom termo. É nessa sucessão de mediocridades que se encaminham as eleições de outubro. É o mais do mesmo. Sem reformas políticas sérias, que colocassem um fim ao foro privilegiado, aos fundos partidários e eleitorais, às emendas secretas, à infidelidade partidária, bem como ao número excessivo e lesivo de partidos, à possibilidade de prisão em segunda instância, ao modelo de suplência, à reeleição e mesmo à impunidade dos políticos, falar em terceira via, ou numa quarta e quinta vias, não significa nada.

Há um problema de origem que não foi sanado por vontade justamente dos partidos tortos existentes. Qualquer desdobramento político a ser feito por meio dos partidos que aí estão para as próximas eleições vem carimbado com o selo e com os vícios de origem tanto da inoperância quanto da continuidade de um modelo que os brasileiros de bem querem ver extinto.

A impossibilidade de candidaturas avulsas e do voto distrital, assim como do dispositivo de recall ou chamada pelos eleitores daqueles políticos que apresentam “defeito” e sua substituição por gente mais capacitada, são empecilhos às mudanças que a nação reclama. Isso não quer dizer que não existam candidatos, isoladamente, bons e que poderiam, caso suas capacidades de desprendimentos fossem maiores que seus egos, fazer alguma diferença no próximo pleito. São os casos de Simone Tebet, Sergio Moro, Eduardo Leite e outros. Caso houvesse a possibilidade de união desses nomes numa chapa extraordinária e suprapartidária poderíamos enxergar alguma luz no fim desse cano escuro.

Ocorre que nem a grande massa de eleitores abduzidos e apolíticos nem os partidos que aí estão apostam um níquel sequer nessa possibilidade e fazem torcida contra. Fôssemos nomear o quadro em preto e branco que aí está posto para as próximas eleições, diríamos se tratar de uma obra abstrata, cujo título seria “Abstração niilista nº 3”

» A frase que foi pronunciada

“Buscar o caminho do meio no meio em que a política brasileira se realiza é caminhar sobre o fio da navalha entre dois abismos.”

Filósofo de Mondubim

Assédio

» Com quase um ano de atraso, finalmente, o Brasil poderá adotar o que prevê a Convenção 190 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), no tocante ao combate as várias formas de assédio dentro do ambiente do trabalho.

Números

» Em 2020, segundo o Ministério Público do Trabalho (MPT), mais de 50 mil trabalhadores formularam denúncias de assédio moral no Brasil, sendo que 52% relataram ter sofrido todo o tipo de assédio moral no desempenho de suas tarefas profissionais. É preciso destacar ainda que nove em cada 10 vítimas de assédio moral no trabalho não denunciaram seus agressores por medo de represálias. Pela quantidade de depoimentos colhidos, chega-se à conclusão que metade dos brasileiros sofreram algum tipo de assédio dentro do ambiente de trabalho.

Modalidade

» Tão danoso quanto o assédio sexual, o assédio moral, por seus efeitos deletérios sobre a psique do indivíduo, é capaz de catalisar e produzir, num curto período, tanto doenças físicas quanto psicológicas, muitas vezes incapacitando, permanentemente, o trabalhador.

» História de Brasília

Desesperados com as promessas dos candidatos, que começam provar porque Brasília não deve ter eleição, os comerciantes da Asa Norte procuram, agora, o Correio Braziliense. (Publicada em 21/2/1962)